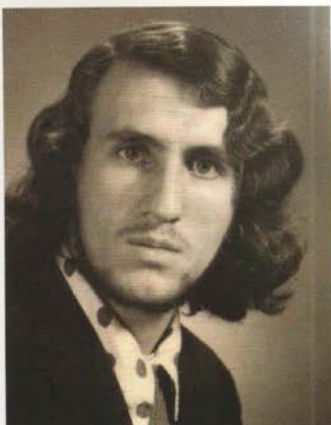


eu

paulo
monteiro

resisti
também
cantando





1974: Foto Souza

opiniões de poetas leitores

canção 17

não tem volta e não
pode devolver...
e tem gente que faz
volta
gostei muito!

Vania
Pouso Alegre - MG

despedida

Paulo,
belíssimo poema,
onde se ostenta o
amor embutido no
afago da terra que
nos rodeia.
abraço

António Martins
Ansião - Portugal

a morte do ideal

teus escritos têm
coerência...
parece contar, em
seu conjunto,
uma história de amo-
res perdidos, urdi-
dos no tempo

Lusato
Teresinha - PI

Paulo Monteiro

eu resisti também cantando



Passo Fundo
2011

Paulo Monteiro

eu resisti também cantando

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2011

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, poemas, -Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2012. 96p.; 25 x 13cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 3,0 Não Adaptada.

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Ilustração da capa: Silvana Oliveira

Revisado pelo Autor em: 13/06/2011

M775e Monteiro, Paulo

Eu resisti também cantando [recurso eletrônico]
/ Paulo Monteiro. – Passo Fundo: Projeto Passo
Fundo, 2011.

E-book (formato PDF).
ISBN 978-85-64997-18-9

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. I.
Título.

CDU: 869.0(81)-1

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

nota do autor

escritos nos anos 70/80 do século xx contemporâneos da geração underground ou do mimeógrafo muitos destes poemas circularam mimeografados ou foram divulgados em jornais de passo fundo ou em pequenas publicações alternativas estou inteiro nestes poemas vivi exilado em babilônia e em babilônia resisti também cantando para quem não sabe o que era poetar naqueles anos lembro a frase do general-presidente ernesto geisel esse negócio de matar é uma barbaridade mas acho que tem que ser

Sumário

nota do autor	7
prefácio	13
introdução ao poema.....	15
dizem que sou poeta.....	16
soneto	17
poema.....	18
poema.....	19
compreensão	20
da poética	21
marketing	22
o canto.....	23
dois tempos	25
ao poeta lírico	26
identidade.....	27
compromisso.....	28
elogio ao poema.....	29
soneto	32
distância	33
manhã.....	34
transformação	35
no canto da rua.....	37
semelhança.....	38
pássaro cego.....	39

\$	40
sangue	41
noturno	42
campo aberto.....	43
prenda me a.....	45
no apito do trem	46
avenida.....	47
a sombra.....	48
in pacen.....	49
par e ímpar	50
da conquista	51
da paixão.....	52
soneto.....	53
a morte do ideal	54
soneto.....	55
declaração	56
soneto.....	57
poema.....	58
caderno de canções	60
canção 1	61
canção 2	62
canção 3	63
canção 4	64
canção 5	65

canção 6	66
canção 7	67
canção 8	68
canção 9	69
canção 10	70
canção 11	71
canção 12	72
canção 13	73
canção 14	74
canção 15	75
canção 16	76
canção 17	77
canção 18	78
canção 19	79
canção 20	80
canção 21	81
canção 22	82
canção 23	83
canção 24	84
canção 25	85
canção 26	86
canção 27	87
canção 28	88
canção 29	89

canção 30	90
canção 31	91
canção 32	92
canção 33	93
canção 34	94
canção 35	95
canção 36	96
canção 37	97

à memória de leocrécia que ajudou
seu filho a enterrar no quintal de
nossa casa naquele ano trágico de
1975 uma biblioteca e outros
materiais subversivos
a todos aqueles que resistiram e
continuam resistindo
agradeço ao poeta júlio perez pela
generosidade do prefácio, ao
confrade gilberto cunha pela
contribuição na revisão do livro e
ao projeto passo fundo pela edição

prefácio

eu resisti também cantando é o livro de poemas que Paulo Monteiro traz a lume após tantos anos, pois como diz o poeta, *ou a gente mata o medo /ou o medo mata a gente*. E é decerto para exorcizar seus demônios que o autor, depois de muito tempo, traz a lume estes poemas, escritos nos idos dos anos 70 e 80, quando os tempos eram outros, mas as causas não mudaram: a fome, a opressão, os excluídos.

Por que demorou tanto o autor para lançar este livro?

Poderíamos responder a esta pergunta com o primeiro poema do livro onde o autor declara que a vida é dura demais para a poesia, pois a poesia como tradicionalmente a entendemos, e a escolas infelizmente ainda ensinam, deve tratar de temas belos, como *as flores dos jardins e as mulheres belas e sãs* e o poeta já sente, perspicazmente, que não é possível seguir nessa linha e nos passos dos modernistas incorpora à sua temática a vida das ruas, as misérias e mazelas do povo do qual é parte e não renega.

Nada mais natural, pois, para a verdadeira poesia, não há tema feio ou impróprio. De outra sorte não seria poesia, pois a maior autenticidade que alguém pode ter é ser ele mesmo. E Paulo Monteiro – esse leão da cultura local – o é em cada uma das linhas dos versos deste livro, pois como ele mesmo diz com *sangue também se escreve*.

Paulo Monteiro dispensa apresentação.

Quem não o conhece, com sua verve afiada, apresentador do programa Literatura Local, uma parceria de TV Câmara com a Academia Passo- Fundense de Letras, autor de diversos artigos e livros sobre crítica literária, história local, resenhas de livros e outros, uma verdadeira enciclopédia ambulante, agora também aventura-se na poesia e mostra que até um leão precisa conservar sua ternura de outra sorte a luta seria vã.



Nestes versos, escritos no calor da juventude, está o programa da sua vida: a causa dos oprimidos e a verdade que deve ser dita a qualquer custo.

Paulo Monteiro, não tenhas dúvida: resistir é uma virtude; resistir cantando, então, só aos verdadeiros poetas é consentido.

Júlio Perez
Auditor Público e Poeta

introdução ao poema

aos poetas da *mimeogeneration*

dizem que sou poeta

dizem que sou poeta não sei não
a vida é dura demais para poesia
a vida é crua é nua demais para poesia
a sobrevivência exige inventividade
astúcia vivacidade demais para poesia
por isso o poema é duro cru e nu

se não for duro cru e nu não será poema
será uma bruxa metafísica
montando um cabo de vassoura
perdão montando uma lista de sangue
vermelha rubro fazendo estripulias
pelos fios telegráficos do vento

tenho que falar de flores de jardins
de mulheres belas e sãs
mas como falar se as flores estão envenenadas
se os jardins estão sujos de lixo
se as mulheres estão sendo devoradas
por elementos químicos
são flores jardins mulheres ainda serão flores
jardins mulheres

então que poema existirá logicamente
que poema senhores críticos amantes
de uma senhora histórico-estéril
mas de alta sociedade

então que poema existirá que não seja duro cru e nu



soneto

jamais serei poeta apenas sou
um simples operário que procura
de si por seus irmãos compor as dores
e o pranto e o desespero e a vil tortura

a fome o frio a angústia que ficou
da mais-valia faca afiada e dura
que atulha o bolso e o cofre dos senhores
nossa necessidade que perdura

assim não peço a chave de ouro fino
nem o modelo clássico de atenas
ou roma nada disso eu peço vê-de

e não direis um dia haver destino
pouco desejo que é bastante apenas
um copo d'água com que mate a sede

poema

poema das ruas tortas
desertas cheias de pó
com homens cheios de pó
e a consciência deserta

os homens caminham sós
pelas ruas sem destino
com a marmitta vazia
e muito pó no estômago

o meu poema caminha
com homens empoeirados
por essas ruas poeirentas
com a marmitta vazia

homens que não sabem
o que é fazer poema
poema é coisa de rico
poema de pobre é fome

sua língua é diferente
de uma língua semelhante
os homens cheios de pó
têm uma língua somente
a língua de sua barriga
barriga de vila fome



poema

poema

quero um poema para os dias
para as noites de angústia
quero um poema sem algemas
sem cadeias sem correntes
um poema de fábricas e lavoura
há de ser o meu poema
forte como os operários fabris
ou como os obreiros camponeses
quero um poema que domine
as fábricas as lavouras os currais
quero um poema para ser cantado

poema quer um poema
como os versos de cordel
que tenha a rua por tema
e o povo por menestrel

meu poema será sempre
mal-visto da grã-finagem
não nas rodas eruditas
da marota malandragem

entendo por poesia
uma mulher democrata
amante da maioria
com seus telhados de lata

compreensão

olho o cansaço que trazem teus olhos
a fome e a sede de teus lábios secos
compreendo teu ódio surdo-mudo indefinido
compreendo o cansaço de teus olhos
compreendo que tens
 e não tens
 apenas
 família
 propriedade
 e
 tradição
compreendo que tens
 e não tens
 apenas
 cabeça
 tronco
 e
 membros
por isso meu ódio não é surdo-mudo indefinido
em ti vejo meu próprio pai cansado
compreendo que não teremos descanso
 logo
 enquanto
tudo continuar como está e que
minha poesia não terá nenhum valor
 enquanto
não carregar em si o cansaço de teus olhos
 a fome
 e a sede
de teus lábios



da poética

a poesia das ruas é poesia
muito melhor que a dos poemas
a poesia a poesia das ruas é poesia
como só a poesia pode ser
e não ser poesia versos livres
e não versos concretos e abstratos
simplesmente versos e não versos
falsos todos não falsificados
a poesia das ruas é poesia
simplesmente poesia aquém
além dos poemas puramente poesia
simplesmente poesia das ruas
muito melhor que a dos poemas
com gosto de whisky escocês
escocês made in brazil
por isso o manifesto não manifesto
dizia o que ninguém disse
abaixo a poesia dos poemas
a poesia das ruas simplesmente
poesia e não poesia puramente
poesia e não poesia de cabeça
tronco e membros pó concreto e abstrato



marketing

branca sombra de negro canto e coração
e sombra e canto e coração e
poema rasgado nos olhos sem cor da
mulher encontrada perdida na rua do
poema que compus com pus e tudo mais
que existe na dor da branca sombra de
negro canto e coração e sombra
poema que morreu o olhar cansado e
triste da mulher perdida e encontrada
na esquina de um olhar à noite
encontram-se todos os gemidos e
todos os lucros account executive
advertising agency broadcast design
marketing plan proxy selling expenses
budget open marketing

o canto

o canto terá que ser
à moda do cantador
se não o canto que canto
não terá nenhum valor
por isso canto sem medo
o medo que a gente sente

ou a gente mata o medo
ou o medo mata a gente

canto o livre que se encontra
na minha imaginação
é canário que se bate
contra as grades do alçapão
o pão que falta nas mesas
e se acha numa somente

ou a gente mata o medo
ou o medo mata a gente

pelos sertões e cidades
a abolição não chegou
se chegou ficou à porta
por ser dada não entrou
só quando for conquistada
reinará eternamente

ou a gente mata o medo
ou o medo mata a gente

sempre há mais pedra e pau
que granada e mosquetão
sempre há mais gente sem
que tendo arma na mão
com sangue também se escreve



com nosso sangue inocente

ou a gente mata o medo
ou o medo mata a gente

dois tempos

há tempos eu fui lírico e sofria
as dores irreais que concebia
 hoje esqueci a lira
aliás guardei-a ao canto da sala
saí pelas ruas e sentei-me
no mesmo banco onde sentava outrora
e lembrava uns sonetos de leôni

e a vida passa efêmera e vazia
um adiantamento eterno que se espera
numa eterna esperança que se adia

eu não fazia nada nesse tempo
tinha casa comida escola tudo
hoje cresci e tenho apenas força
que movimenta bens alheios
sentei-me neste velho banco
e não pensei em mim pensei nos homens
que vivem como eu vivo
compreendi mendes campos

no brasil na argentina
usa cuba França china
flor agreste da campina
só povo reinará



ao poeta lírico

olha
que tenho marcas
de ferros nos pulsos
e nos tornozelos
não me apertes desse jeito
mulher
entre teus braços e pernas
pois as velhas cicatrizes
podem romper-se algum dia

olha
que tenho marcas
de mordanças nos lábios
na boca e no nariz
não me beijes desse jeito
que a noite é longa sombria
e temos de estar atentos
enquanto os guardas não dormem
e a ladroagem também



identidade

canto teus olhos quando estás
comigo como beijo teu corpo
quando estás comigo
assim nós dois seguimos
lado a lado enquanto posso
estar junto de ti
e se te canto e beijo como faço
é porque sei que se não somos
um somos um porque teus olhos
vêm aquilo que avisto como avisto
beijas meus lábios como beijo os teus



compromisso

hei de cantar o canto enquanto o canto
puder ouvir e ser ouvido embora
gota por gota vai caindo o pranto
semeando uma algazarra lá por fora

hei de cantar meu canto enquanto o pranto
penetra nosso esforço e nos devora
lentamente com pressa e desencanto
hei de cantar meu canto vida à fora

que importa um passarinho livre no ar
que importa a flor crescendo e tanto e tanto
se há homens que não podem contemplar

que importa essa beleza e mais enquanto
há homens que não podem contemplar
enquanto canto e nem ouvir meu canto



elogio ao poema

olhos não tens para ver além
da nuvem do homem da nuvem

só um poema assassinado
na isla negra

pacífica do chile que foi
pacífico demais

não morreste mataram-te
las hienas voraces

de teu poema pablo poeta
irmão poeta e camarada

teu corpo está na terra
ensangüentada dos condores

teus poemas estão vivos
falando pelos que não podem falar

os pinochet & cia
hão de durar como a noite

amanhã será outro dia
no céu de santiago

teu poema raiando vermelho
na boca de todos os homens

e mulheres
e crianças

e operários



e camponeses

pablo mataram-te
destruíram la moneda

os operários e camponeses
de e teus poemas continuam vivos

para fazerem teus poemas raiar
nos céus de santiago vermelha

nos céus de todas as
santiagos do mundo
suor e sangue



suor e sangue

àqueles que mataram seus sonhos
para escárnio dos que morremos sonhando
ou não desistimos de sonhar

soneto

passamos nossos dias na oficina
fabricando produtos lucrativos
porque existe um contrato a ser cumprido
e os verbos todos são imperativos

joão não fala com jorge e carolina
desconhece os colegas de secção
ninguém pode parar que é proibido
e se parar quem comprará o pão

e o leite aos filhos tenros desnutridos
descalços seminus em pleno inverno
assim nossos dias são vividos

e nossas vidas têm terror eterno
como os casos de espíritos perdidos
encarcerados ao calor do inferno



distância

olhos curtos terra longa
gente cansada esperando
sentada pelos barrancos
olhos curtos terra longa
que longa se alonga longa
por léguas palmos de chão
olhos curtos terra longa e
os olhos se vão cansando
no corpo cansado e suado
enquanto a mão passa e prende
seus dedos pelos torrões
que dos barrancos resvalam
olhos curtos terra longa
quão longa estrada é margeada
pelos barrancos de pedra
olhos curtos terra longa
mas todos olhos se alongam
e toda terra se encurta



manhã

a rua estreita se estende
como serpente ferida
e os homens caminham nela
como motores sem vida

as chaminés elevando-se
nessa manhã nevoenta
mostram formas tão estranhas
de bichos enormes indo
para o velho matadouro
dos que não têm dinheiro
só força de produzir

nessa manhã como em sonho
e como se sonha em vão
passam os homens sozinhos
como sempre vão passando
levando a marmitta simples
com seu feijão e arroz

é uma manhã como as outras
como chicote assassino
corta o vento da manhã
como policiais espiam
os olhos dessa manhã

feijão e arroz nas marmittas
feijão e arroz nada mais
desenha a fumaça baixa
pontos trágicos em torno
dos vultos que se vão indo
com suas formas estranhas
para o velho matadouro
dos que não têm dinheiro
só força de produzir
levando em suas marmittas
feijão e arroz nada mais



transformação

na escuridão da noite
dois olhos vivos olhavam
duas brasas sob açoite
de algum fantasma brilhavam

eram dois olhos profundos
com seu cintilar perdido
como dois pequenos mundos
enormes de um tempo ido

eram dois olhos malditos
olhos talvez em tocaia
esperando uns distraídos
para apagar com punhal

na escuridão de uma esquina
aqueles olhos brilhavam
e duas mãos sombra fina
uma navalha apertavam

dois olhos despreocupados
trazem dois bolsos aos lados
e nos bolsos remendados
alguns cruzeiros contados

o cristo da maravalha
seus pobres trapos espalha
em torno de si qual palha
cortada pela navalha

navalha enorme que sai
da escuridão e que cai
sem exclamação nem ai
sobre a garganta de um pai



navalha corta com fome
aquele vulto sem nome
depois a prole se some
esmolando atrás da fome

havia sangue na rua
junto de um corpo caído
e se achegavam chorando
os filhos do falecido

o assassino todos sabem
é morador das favelas
porém não sabem seu nome
e não sabem em qual delas

matou porque tinha fome
porém não tinha trabalho
os jornais não o disseram
porém todos sabem disso

também sabem que amanhã
esses órfãos sairão
esmolando por aí
e outros pais matarão



no canto da rua

no canto da rua tinha
um bicho de duas patas
sentado sobre duas patas

objeto de vidro e plástico
que outros diziam ser óculos
cobria dois orifícios

parecia que era homem
mas ninguém tinha certeza
falava como as maitacas

no canto da rua tinha
majestosa catedral
pedia pelo amor de deus

mas deus estava de férias

ninguém ouvia porém
pois o bispo está viajando
senhor vigário-geral

perdeu os olhos gulosos
quando ainda era menino
em meio a dois testamentos

semelhança

havia um grito
correndo na tarde
vestida de branco
e cor de nuvem
cansados cruzavam
homens sujos
de fuligem e gemiam
ao peso dos próprios corpos

ninguém ali se enojava
daqueles homens
marcados pela sujeira
das fábricas

as madamas
delicadas e os homens
cheios de dengos
iam de carro
tranqüilos
por outros caminhos

os homens suados e sujos
se apertavam no ônibus
pois só eles
dão valor ao coletivo



pássaro cego

pássaro cego na gaiola
que não canta porque
tem o bico cerrado
por grades de aço

pássaro cego pássaro
humano que entre
grades de aço vê
as serras os vales
as montanhas e os
vergéis onde nasceu

sonho

pássaro cego pássaro
preso entre as grades
da fábrica imensa
que vê na realidade
homens caminhando
para o aniquilamento

pássaro cego rompe
essa gaiola com
teu bico de aço
derrete os ferros da grade
e voa aos campos
verdes serras vales
montanhas e vergéis
de teu país natal



\$

tenho na testa um \$
tenho na testa um \$
e minha condenação
sou caçado e tabelado
como faz o gavião

sangue

a forma de sangue
toma conta do punhal
o sangue rola
rolando o sangue deixa
a forma de sangue e toma
a forma de um rio de sangue
que tem a forma de sangue
o punhal desenha-se
nas formas de sangue
sento num banco qualquer
a manchete de um jornal
desperta a minha atenção
tráfico humano
trocou o filho pequeno
por um pedaço de pão

noturno

pela noite branca a lua
dá gargalhadas na rua
enquanto o menino dorme
junto à caixa de engraxate
o mascate mascateia
na cadeia a gente dorme
ao compasso dos gemidos
dos soluços desses bruços
que são bruços pela noite
branca a lua a lua
dá gargalhadas na rua
uiva a lua pela rua
como os cães loucos uivavam
pela noite branca a lua
dá gargalhadas na rua



campo aberto

como ave negra que passa
com asas de negra cor
o anu passa pelo ar voando
entre o negro do capão
vem do campo perseguido
pelo piá e persegue a gente

nas negras penas do anu
o urubu esconde sua cor
e vem junto com os pinhés
furar os olhos da rês
furar os olhos da gente

somos vacas somos bois
somos cavalos e burros
nesta grande propriedade
onde fomos confinados

somos bichos simplesmente
enquanto correm o anu
em seu negro terno preto
vem o urubu pelo negro
que forma a sombra do mato
e quando um raio de sol
penetra no escuro espaço
o negro da ave se muda
com brancas penas furtivas
e o negro anu é pinhé

pinhé ou urubu não sei
só sei é que perseguido
pelo piá o animal vem
furar os olhos da rês
furar os olhos da gente



somos vacas somos bois
somos cavalos e burros
nesta grande propriedade
onde fomos confinados

prenda me a

madalenas pelas ruas
noite escura prenda minha
tenho muito o que fazer
tenho que fazer poemas
tendo muito o que fazer
sem trabalho
sua fome sendo fome
seu trabalho
em dois versos se resume
madalenas pelas ruas
noite escura prenda minha



no apito do trem

há um grito no apito do trem
grito de bicho estrangulado
e nos jornais do dia há manchetes
cinco mortos sob as rodas de um trem
família morreu sobre os trilhos
há um grito de bicho estrangulado
grito estrangulado no apito do trem



avenida

a avenida tem mil vozes
de pássaros homens homens pássaros
tem mil vozes a avenida
e ninguém se entende tende
tudo porque a avenida gargalha
menino pardal pardal menino
misturam-se mistura na confusão
com fusão de empresas
as mil vozes que a avenida tem
um troquinho tri tri tri seu
um milhão nada de dólares
a mulher do cavalheiro às 10 e 30
foi pega às 10 e 30 trepando
tri tri tri um troquinho
com o amante aí seu
as mil vozes da avenida
árvores falando vento falando
vento tudo vento mistura
misturada vento árvore vento
árvore tudo mistura na confusão
bi bi bi não vê o sinal grã-puta



a sombra

há uma sombra nas faces
nos olhos na mente
mentiras mentiras e mentiras
só mentiras e sombra
os homens caminham
para todos os lados
para todos os lados
para trás e para a frente
para a direita e para a esquerda
para todos os lados
os homens caminham

sempre a sombra acompanha-nos
a sombra a sombra enorme
chamada ganância competição
ordem et caterva

os termos mudam
conforme as condições
mas sempre significam a mesma
sombra

a sombra enorme
um mito
tem sete cabeças
e sete línguas vezes sete
tem sete nomes vezes sete vezes
quanto sete existe
a sombra é um 7
é preciso ir além do 7



in pacen

aqui em atenas apenas
sócrates dorme
silenciosamente dorme
com a consciência tranqüila
após beber cicuta

par e ímpar

a maria nelci e demais marias
de todos os tempos

da conquista

encontrei o teu corpo numa esquina
entre pentes pulseiras na anarquia
organizada da barraca fina
que um camelô qualquer me oferecia

eras um vidro de perfume a sina
zomba de nós às vezes todo dia
quando a lei do provável ilumina
e levei-te comigo na alegria

com que colombo viu o mundo novo
ou fez parar um ovo sobre a mesa
e meu conhecimento foi profundo

na superfície cognoscível tesa
até que te quebrei com ódio fundo
num dia de incerteza e de certeza

da paixão

ficou o teu retrato na parede
rindo do meu amor ruidosamente
os cabelos os mesmos e com sede
os mesmos lábios e teu rosto ardente

o mesmo também rosto que mede
tudo aquilo que tenho em mim latente
e teus seios arfantes da parede
chamando-me com voz que ninguém sente

entre as arcadas de um hospício mora
teu corpo com calor de chama ardente
em quanto de meu quarto se assenhora

esse retrato inerte e semovente
fica e deixa a parede ri e chora
gargalhando e se rindo doidamente



soneto

teu corpo é suave como a pluma leve
de um pintassilgo quando deixa o ninho
e como uma avezinha mal-crescida
procuras tonta as margens do caminho

levo emplumada a mão que fina escreve
busco prender teu corpo num delírio
e foges sorumbática e aturdida
como seu eu fosse víbora ou martírio

depois cansada paras minha presa
entregas-me teu corpo frio de medo
e após refeita como uma ave ilesa

adormeces na tarde e acordas cedo
já sem frio já sem medo linda e dócil
começando um trinado no meu dedo



a morte do ideal

quando ela foi asseverou que nunca
mais voltaria e não voltou jamais
até no dia em que mudou a vida
que após dia foi dia e nada mais

quando ela foi a vida se me trunca
ficando a noite presa nos meus ais
e entre meus dedos sua cabeça presa
disse-me adeus calou-se e nada mais

quando voltou nem disse que voltava
como um tornado arrebatou-me ao léu
veio de volta porém não voltava

porque levou-me seu comparsa e réu
porque me fez um átila só dela
para matá-la e incendiar o céu



soneto

aquela que há de andar sempre a meu lado
quero de boca aberta e bem fechada
e capaz de chorar como criança
e capaz de brigar dar bofetada

aquela que há de andar sempre a meu lado
será meiga e violenta e desbocada
de voz tão doce e pura voz tão mansa
que o pior dos palavrões há de ser nada

aquela que há de andar sempre a meu lado
há de ser joana d'arc ou uma anita
mulher completa esposa mãe e amante

há de levar o mundo por diante
há de ser como as feras e bonita
aquela que há de andar sempre a meu lado



declaração

por suas mãos seus olhos seus cabelos
juro que nenhuma mulher no mundo existe
mais bela que você
caso existisse outra
seria simples invenção

assim como

comercial de televisão
suas mãos grossas
seus olhos cansados
seus cabelos desgrenhados
e o tanque

bate roupa

bate roupa

sossega joãozinho

sossega pedrinho

e aquele sorriso de menina
nos lábios de mulher
e aquele sorriso de mulher
nos lábios de menina
e aquelas cócegas nos meus calos
que só você sabe fazer



soneto

à tarde chego exausto e taciturno
em minha velha casa suburbana
refletindo na vida aniquilada
de um simples cão de fila em forma humana

o sentimento é lânguido e noturno
revejo antigos planos evadidos
do que sonhei já resta quase nada
castelos que eu ergui jazem ruídos

entro e surge a visão à minha frente
daquilo que sonhei quando inda tinha
um glóbulo no corpo e o corpo quente

me abraça e beija a mesta face minha
ao mesmo tempo débil e potente
com as mãos engraxadas da cozinha



poema

chegaste na manhã calma
como um pássaro ferido
que a chuva houvesse molhado
tremias e os olhos trêmulos
os olhos tremeluziam
como gotas de sereno
brilhando em terra lavrada
onde cresciam espigas
do trigal dos teus cabelos

plumas e espigas molhadas
frio de ave e cor de trigo
água de chuva no rosto
água de sanga nos lábios
cheiro de terra lavrada
por arados de volúpia
violência de sentimentos
e uma esperança violenta
sob um frio de passarinho
e louro trigo à espera
do afago de um ceifador

aqueci-me no teu corpo
que outras mãos enrijeceram
colhi teu trigo dourado
e ensilei-o no meu peito
e à solidão daquele
que dá o pão que lhe falta
dei de beber nos teus lábios
água de sanga bebi-te

acostumada aos rigores
da chuva a ave fugiu
acostumado à bruteza
o trigo não quis cuidados



aos musgos acostumada
a sanga fugiu-me aos lábios
ou lhe agradei de tal forma
que me julgando maior
do que sou sumiu-me aos pés

terra lavrada ave trêmula
hei de guardar o teu gosto
água de chuva no rosto
água de sanga nos lábios



caderno de canções

a cris daniele nadejda aparecida rozalia
natalia Paula tatsuia e sara adalia
que foram poupadas de viverem
naquele período tenebroso

canção 1

levo a canção que te escrevi
no bolso
levo a canção que te cantei
no bolso
e tu
navegas pela vida

enquanto
o barco vai com uma canção
no bolso

canção 2

soube não sei que voz
que me falou
estavas aberta em flor
pelo jardim da casa em que moravas
quando a tempestade veio
despetalando rosas e jasmins
pelo jardim dos quinze anos

canção 3

quem é que viu
o passarinho do assobio
na propaganda
de televisão

quem é que viu
o assobio do trem
na estação
quem é que ouviu

eu assobiava uma canção
que aprendi nos comerciais
uma canção que aprendi jamais

canção 4

sôbolos rios de babilônia
as lavadeiras estão cantando
e os meninos estão brincando
sôbolos rios de babilônia

pelos palácios de babilônia
sôbolos rios sôbolos rios
há barcarolas e bacanais
sôbolos rios freiras vestais
e sacerdotes de bacanais
em bacanais sôbolos rios
de babilônia sôbolos rios

canto canções que não compus
sôbolos rios sujos de pus
dos veteranos de babilônia
pelos palácios dos favelados
sôbolos rios de babilônia



canção 5

entrou um menino bêbado
com uma flauta na mão
pelas janelas da casa
e se escondeu no telhado
molhado muito molhado

improvisada uma valsa
porém saía um dobrado
menino saía das telhas
para vir cantar na sala
pois hão convivas na sala
esperando pelo toque
de algum menino molhado
que viva tocando flauta
entre as peças do telhado

e o menino continua
tocando lá no telhado

outro menino contudo
vinha tocando seus bois
pelos caminhos do campo
outros meninos também
tomavam canha na guampa
enquanto a flauta era ouvida
por entre as telhas da pampa



canção 6

sexta-feira da paixão
iam senhoras à missa
foram meninos à escola
na aula de religião
da professora cristina

professora você sabe
que homem foi jesus cristo
ah menino deixa disto
que cristo há muito morreu

professora você sabe
porque de cristo morreu
no meio de dois ladrões
ah menino deixa disto

no meio de dois ladrões



canção 7

ela era nova e bonita
eu era velho e já feio
nos meus seis anos de idade

fomos soltar papagaios
nas ruas do lugarejo
e o vento dava seus beijos
nos papagaios da gente

pé pro rico seu maroto
pé pro rico seu maroto

eu nunca lhe dei um beijo
pois ela nunca deixou
naquela boca de pano
nenhum boneco beijou



canção 8

meu estilingue rompeu-se
numa pedrada que eu dei
naquela casa de vidro
do cego da minha rua

ele sorriu e me disse
cuidado muito cuidado
que um dia viro o fantasma
daqueles vidros quebrados



canção 9

há quantos anos não vejo
quem foi meu primeiro amor
hoje só vejo meus sonhos
pelas janelas da dor

que haviam naqueles versos
que inda menino escrevi
e um dia joguei ao fogo
pois fui menino e cresci



canção 10

tu ficarás incompleta
velha canção sempre assim
igual a uma boca aberta
zombando e rindo de mim

canção 11

estamos cansados também
andamos muito até
chegarmos onde chegamos

aqui estamos parados
tu na esquina da rua
eu cá no canto do bar

tu vêes o que vai lá fora
eu vejo o que vai lá fora
e aqui dentro também vejo

pelas janelas do bar
vejo carros e outros carros
que não andam sobre rodas

andam nas rodas do mundo
cansados de caminhar
só nós estamos parados

eu cá com minha poesia
cansada de tanto andar
rua em rua bar em bar

canção 12

fazes amor pelas colunas
das colunas sociais
ah messalina quem dera
se as revistas publicassem
o escândalo como ele é

canção 13

ai flores ai flores do verde pino
cortado e posto na sala
antecedendo o natal
ai flores que não são flores
flores de pino afinal

canção 14

o pássaro cego e seco
pendurado no teto
estende as asas mortas
sobre a sala
enquanto os homens
bêbados cantam
a canção proibida

no cinema a censura
é até dezoito anos
no jardim é proibido pisar na grama
no poema
é proibido falar na mulher
que se dá por Cr\$ 100,00



canção 15

tenho vontade de rasgar
estes poemas excomungados
e excomungar-me nos meus pecados
que são pecados de combater
e de não crer noutros pecados
nesses pecados inexistentes

canção 16

quero apenas um palmo
de chão onde plantar meus pés
e os pés de todo mundo
para colher um novo mundo
sem joão o evangelista
e outros heróis de ficção



canção 17

hei de matar-me
na primeira noite de luar
para poder viver na escuridão
estou cansado de olhar
à volta e ver
que o presente não tem volta
apesar das voltas
que outros fazem
para o futuro não chegar
chegando

canção 18

no labirinto do rei de minos
o minotauro está escondido
entre os corredores do sr fulano
de tal que sempre aparece
nos jornais entre banquetes
das bacanais das entidades assistenciais

canção 19

minha canção pobre canção
não passará de um canto alado
na agonia de quem não morre
mesmo afogado

canção 20

te quero não querendo e mais te quero
se apertas o silêncio em que me aperto
pois te querer e desejar somente
me faz endoidecer na insanidade
terrível em que vives silenciada
por teus desejos e tua vida insana

talvez
amanhã já não te queira te querendo
pois tudo está mudando não mudando
até o amor que foi e que não foi



canção 21

silêncio
é noite e só as folhas falam
o silêncio anda solto
no silêncio dos corpos que adormecem
nas camas e calçadas

nas sarjetas jazem dos corpos
dos assaltados e daqueles
que morreram nos combates

no silêncio
escutamos o barulho dos corações
na pulsação dos medos escondidos
enquanto nos salões e restaurantes
o tilintar de copos
 as vozes
 as risadas
 as canções
boêmios lembram festas primitivas
as primeiras encenações
no silêncio dos pretéritos



canção 22

quando me apertas no teu corpo morno
sinto que tens frio e aqueço-me
no gelo de teus braços

e teus lábios macios
quando me beijas
ferem-me como a guilhotina
assassina o condenado

toda essa tua coragem
é medo e covardia
entanto tremo ao te ver
e enfrento esse combate

com medo de perder e de vencer

canção 23

fique completo
espaço em branco à espera
do incompleto
que existe no futuro

canção 24

êta joão domador
conhecido pela pampa
por montar potro pagão
já foi bom hoje não presta
há tempos que já não monta
se montar cai do cavalo

no campo que foi potreiro
nem capim existe mais
agora só cresce a soja
entre herbicida e veneno
contra as pagas da lavoura
o quero-quero teatino
atrevido e irreverente
mudou-se ou morreu
coitado comido por ddt

joão domador só cavalga
pelo campo que foi campo
no lombo de um cbt



canção 25

só matarei tua imagem
que trago no pensamento
quando for assassinado
por teu desprezo violento

violento o desprezo teu
amargo fel que me amarga
a boca de quem te beija



canção 26

quem assassina o sol procura a noite
que vem amanhã procura a noite
quem assassina o sol por assassina
ser a treva
a faca corta a noite
o vento pelos telhados tine
os amantes se apertam
em abraços
mútuos num mutirão de amor
o sol assassinado nos cobriu de sangue
negro enxuto
negros e brancos se confundem
fundem-se os homens e os fantasmas
assassinos do sol do sol do sol
só morfeu está velando pelos leitos
pelas ruas
naqueles e nestas
os homens de terno e gravata as
mulheres de vestidos longos e colares
os perseguidos maltrapilhos e famintos as
mulheres seminuas e esfomeadas
são a mesma coisa coisa mesma
assassinados assassinos do sol assassinado



canção 27

meu nome ninguém recorda
porque ainda não nasci
quando vim ao mundo trouxe
aquilo que não se traz
o grito morto na goela
de tanto sofrer que eu vi
pelos caminhos estranhos
que de estranhos conheci

se me mataram não sei
só sei é que não nasci
entanto estou vivo e vivo
naquilo que não vivi



canção 28

a nuvem brinca na tarde
criança despreocupada
vai e vem conforme vai
e vem o vento da tarde

já fui nuvem hoje sou
a fumaça dos meus sonhos
mas são sonhos diferentes
mais reais como hoje sou

não sou mais nuvem nem quero
ser nuvem como hoje sou
prefiro ser fumo tendo perto
o fogo do bem que eu quero

uma pandorga cansada
cambaleia nessa tarde
como acenando pra nuvem
nuvenzinha descansada

só deixem a pobre em paz



canção 29

minha mãe quando eu crescer
quero ser um marinheiro
velejar e conhecer
toda a terra do estrangeiro

cresci mamãe e hoje vou
neste estranho navegar
num barco que já parou
navegando em alto mar



canção 30

seu corpo é macio e suave
transborda tanto carinho
parece pena de ave
ou canto de passarinho

canção 31

boêmio
hei de beber de bar em bar
cantando
esta canção desesperada
que já
passou e não irá passar
de bar
em bar na mesa conhecida

boêmio
hei de ficar onde fiquei
no bar
da folha do romance antigo
na mesma
antiga mesa onde encontrei
a mulher
que não foi e meu amigo



canção 32

em cada boca há um judas
apto a beijar-nos
em cada boca há um judas
e em cada boca há tantos judas
minha amada
que eu não teria meios de beijar-te

canção 33

vinícius diz que amor é chama certo
amor nunca foi chama meu irmão
amor é palha e quando está por perto
há um perigo em nosso coração

se fosse chama amor neste deserto
de ferro de concreto e poluição
não iria queimar nada por certo



canção 34

perdi o sono
enquanto isso
escrevo poemas
para dormir
talvez espere o pássaro antigo
empalhado na sala inexistente
onde ficaram meus sonhos antigos

enquanto isso
na minha rua
os cães de ferro fazem barulho
e minha insônia
será que sonha
não me abandona
hija de una pierra



canção 35

escuto ruben darío
na solidão da cozinha
de minha casa operária
e conheço seus poemas
mesmo aqueles que não li
conheço porque conheço
nossa américa latina
sua pátria e minha pátria
nicarágua sandinista
nicarágua guerrilheira

ouço a voz de cardenal
padre-poeta-guerrilheiro
misto de reza e de sangue
do que foi e do que é
pois tudo isso será

ouço o grito dos meninos
metralhados e os muchachos
combatendo pelas ruas
pelos campos e montanhas
onde sandino lutou

ouço a voz de tuas virgens
nicarágua guerrilheira
nicarágua violentada
guerrilheiras camaradas
guerrilheiras camaradas
de nossa latino-américa
que não há de ser latrina
mas latina e de seus povos
nicarágua sandinista
sandinista americana



canção 36

quando mostras teus seios
tenho até receios
de que queiras deixar-me
partir voar ou virar vaca
sagrada intocável pelas ruas da índia

quando mostras teus seios
tenho até receios
de perder-me pelo vale
existente entre eles
e não mais encontrar o caminho de casa



canção 37

teus olhos dizem antigas
canções de amor que não são
nem gemidos nem cantigas
mas ecos de uma explosão

teus lábios não são de mel
teus lábios de mel não são
mas pedaços de saudade
recortando o coração

teus olhos dizem antigas
canções de amor que não são
teus lábios não são de mel
teus lábios de mel não são



Catálogo de livros editados

1	Picanhas 2ª Ed	Livro	Araldi, H
2	Cerrito do Ouro à Coxilha	E-book	Ayres, O
3	Receitas Vegetarianas	E-book	Bodah, E
4	Conversa entre educadoras: do dia-a-dia	E-book	Bodah, E
5	Conversa entre educadoras -Novos Diálogos	Livro	Bodah, E
6	Conversa entre educadoras -Novos Diálogos	E-book	Bodah, E
7	Conversa entre educadoras -do dia-a-dia	Livro	Bodah, E
8	A noite	E-book	Both, A
9	A cuidadora	E-book	Both, A
10	Radiografia das Emoções	E-book	Camargo, H
11	Radiografia das Emoções	Livro	Camargo, H
12	Musica e educação / o contra baixo e a bossa	E-book	Cararo, G
13	Música e educação / o contra baixo e a bossa	Livro	Carraro, G
14	Galileu é meu pesadelo	E-book	Cunha, G
15	A ciência como ela é...	E-book	Cunha, G
16	Cientistas no divã	E-book	Cunha, G
17	Juvenildade	E-book	Damian, G
18	O mais querido da cidade	E-book	Damian, M
19	Futebol de Passo Fundo	E-book	Damian, M
20	Eleições em Passo Fundo	Livro	Damian, M
21	Enciclopédia do Futebol Gaúcho	Livro	Damian, M
22	Permitam-me Sonhar	E-book	Dinarte, C
23	Nós, entre o Céu e a Terra	E-book	Dinarte, C
24	Poesia -Um Passe de Mágica	E-book	Dinarte, C
25	Emoções	E-book	Dinarte, C
26	Emoções	Livro	Dinarte, C
27	Via Rápida	E-book	Du Bois, P

28	Via Rápida	Livro	Du Bois, P
29	Brevidades	Livro	Du Bois, P
30	Brevidades	E-book	Du Bois, P
31	Micos e microfones: Relatos humorados sobre rádio e televisão	E-book	Fernandes, H
32	Micos e Microfones : Relatos humorados sobre rádio e televisão	Livro	Fernandes, H
33	Cronologia do Ensino em Passo Fundo	E-book	Gehm, D
34	Genealogia -Telmo e Margarete Gosch	E-book	Gosch, T
35	Crepúsculo Vazio	E-book	Machado, A
36	Pântano Florido	E-book	Machado, A
37	Safrá Amarga	E-book	Machado, A
38	eu resisti também cantando	Livro	Monteiro, P
39	eu resisti também cantando	E-book	Monteiro, P
40	A campanha da legalidade em Passo Fundo	E-book	Monteiro, P
41	A trova no espírito santo :história e antologia	E-book	Monteiro, P
42	O massacre de porongos & outras histórias gaúchas	E-book	Monteiro, P
43	Combates da revolução federalista em Passo Fundo	E-book	Monteiro, P
44	A trova no Espírito Santo	E-book	Monteiro, P
45	O massacre de porongos & outras histórias gaúchas	Livro	Monteiro, P
46	Viaje no Tempo	E-book	Nascimento, W
47	Sonhos Vicentinos	E-book	Nascimento, W
48	A história da C Paroquial São Judas Tadeu	E-book	Nascimento, W
49	Conheça Passo Fundo, Tchê!	E-book	Nascimento, W
50	Dona Heloisa -Memórias	E-book	Nascimento, W
51	De Capela a Catedral	E-book	Nascimento, W
52	Academia da Bocha	E-book	Nascimento, W
53	Casamento Compromisso LP	E-book	Nascimento, W
54	Maraquatos e Pica-Paus	E-book	Nascimento, W

55	Perfil da Academia PFundense Letras	E-book	Nascimento, W
56	A Pregação dos Tradicionalistas	E-book	Nascimento, W
57	Dona Heloisa -Memórias	Livro	Nascimento, W
58	Vultos da História de P.Fundo	Livro	Nascimento, W
59	Construindo Passo Fundo 1857-2007	DVD	Nascimento, W
60	À esquerda	Livro	Noal, H
61	À esquerda	E-book	Noal, H
62	Meninos do Crack	Livro	Nonemacker, A
63	Fúnebre cortejo & outras histórias	E-book	Nunes, L
64	Fúnebre cortejo & outras histórias	Livro	Nunes, L
65	A bolsa da minha mãe	E-book	Perez, J
66	A bolsa da minha mãe	Livro	Perez, J
67	Fugaz Idade	Livro	Perez, J
68	Coletânea de Poemas 2011	Livro	Projeto
69	Coletânea de Poemas 2011	E-book	Projeto
70	Contos SCI-FI -Além da imaginação	E-book	Scofield, V
71	SCI-FI -Tales beyond imagining	E-book	Scofield, V
72	Genius -O relógio do tempo	E-book	Scofield, V
73	Gênio -origem	E-book	Scofield, V
74	Genius -origem	Livro	Scofield, V
75	15 dias que abalaram Passo Fundo	E-book	Tasca, I
76	15 dia que abalaram P.Fundo	Livro	Tasca, I
77	Crônica sobre uma querência hospitaleira	Livro	Tasca, I
78	Canção da liberdade	E-book	Valle, J
79	Cânticos do amor à vida	E-book	Zauza, G
80	Solidão e dor	E-book	Zauza, G
81	Energia psíquica e psicoterapia objetiva	E-book	Zauza, G
82	Divã lágrimas e libertação	E-book	Zauza, G

avenida

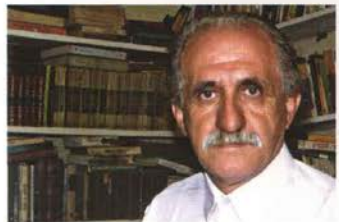
Paulo Monteiro, -
neste teu poema
ouço o burburinho
das grandes cida-
des, o vai e vem
frenético, a vida
pulsando em velo-
cidade espantosa
excelente texto
parabéns poeta

Fhatima
Curitiba - PR

compromisso

poesia que já é
raro encontrar
por cá...
com um certo clas-
sicismo que é pre-
ciso ter vivido e
lido para se dar
valor
gostei amigo
abraço

Carlos
Teixeira Luiz
Lisboa - Portugal



2012: Paula Tatsuia Monteiro

2012

onde estão teus antigos companheiros
grita calíope em todos os lugares
e melpomene abrindo os braços conta
uns se foram na barca de caronte

outros andam perdidos mundo a fora
zelando por seus próprios interesses
e muitos outros quais ratões e traças
vivem comendo o que não lhes pertence

olhos postos em clío nunca me calo
sigo marchando ao som dos meus princípios
lhes respondo e rebato mais um golpe

e parto à frente sempre combatendo
meus cabelos branquearam mas meus sonhos
vão me mantendo para sempre jovem



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital / desenvolvedor em software livre



9 788564 997370